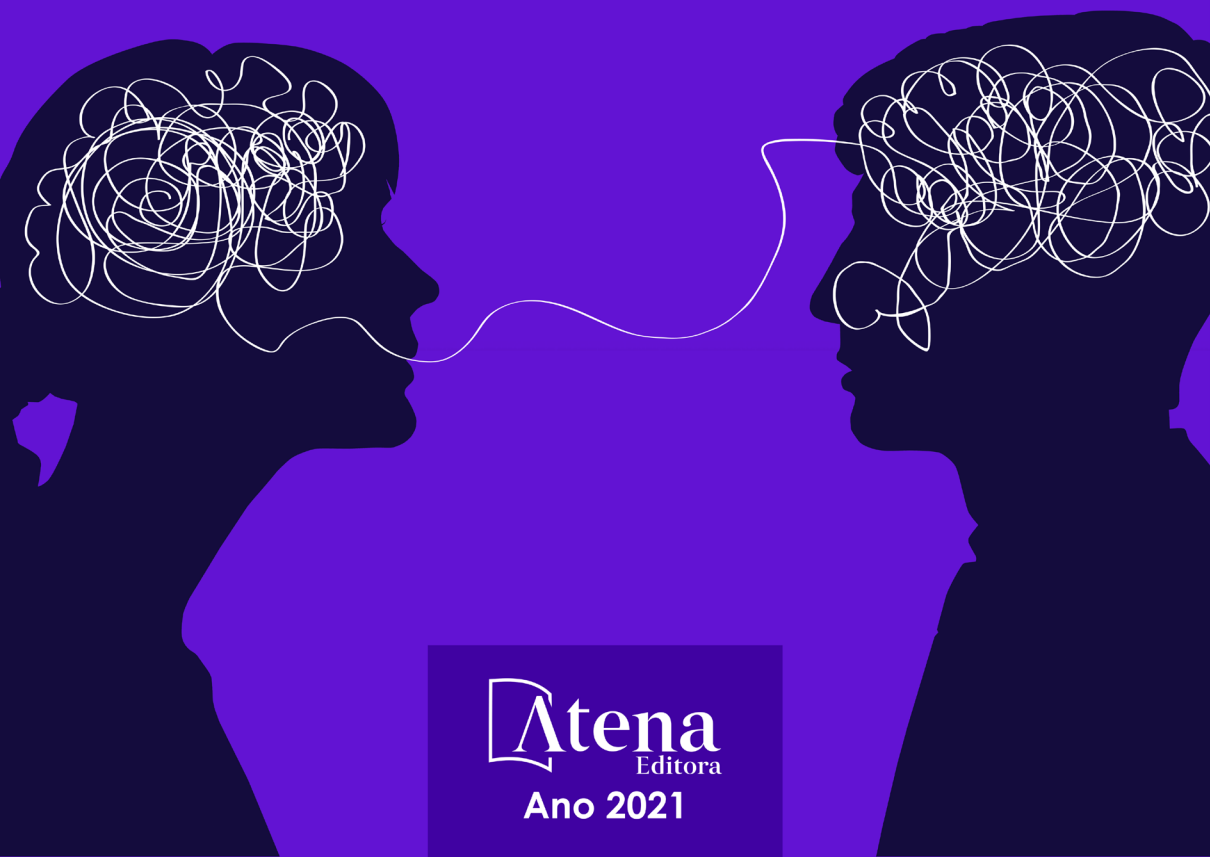


LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 2

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza
(Organizadoras)

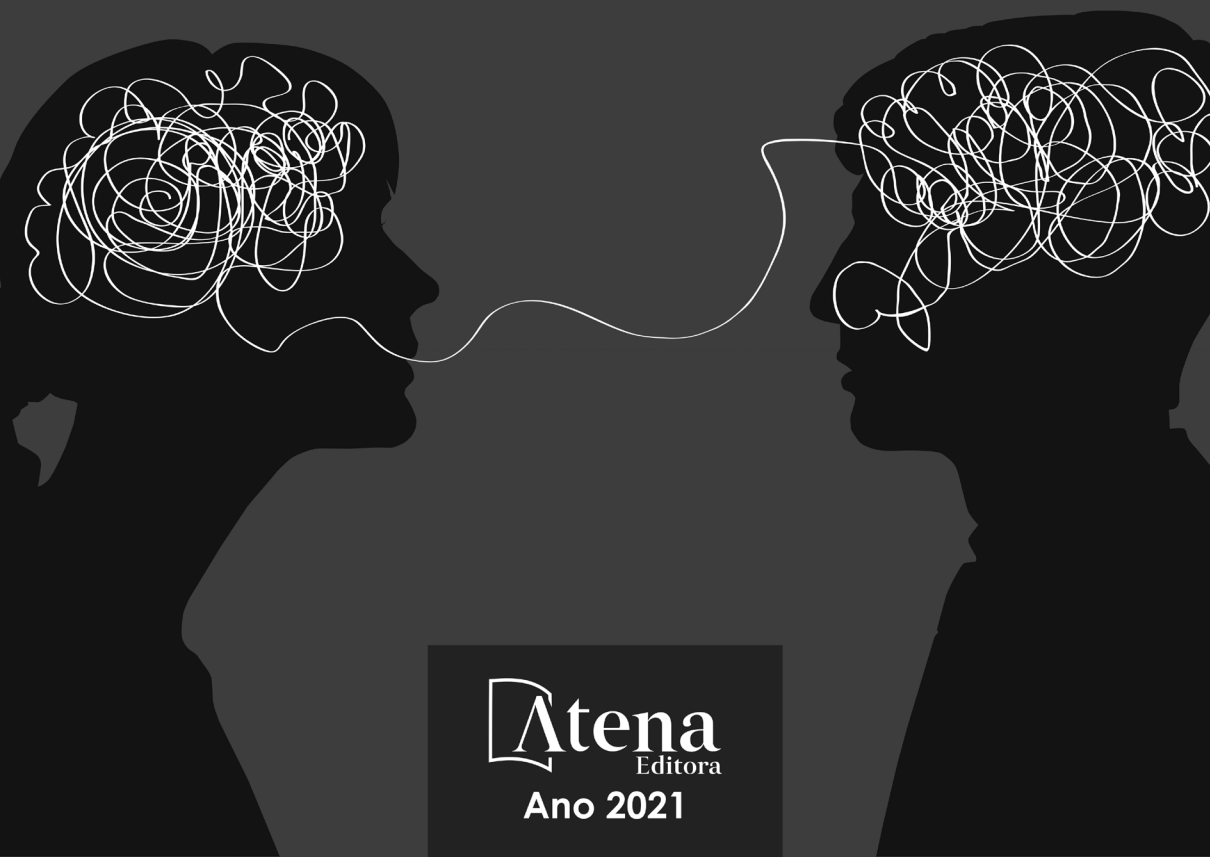


Atena
Editora

Ano 2021

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 2

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza
(Organizadoras)



Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^ª Dr^ª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^ª Dr^ª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Dr^ª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^ª Dr^ª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^ª Dr^ª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfnas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof^ª Dr^ª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^ª Dr^ª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^ª Dr^ª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^ª Dr^ª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Prof^ª Dr^ª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^ª Dr^ª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof^ª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^ª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof^ª Dr^ª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^ª Dr^ª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof^ª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Prof^ª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^ª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^ª Dr^ª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof^ª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Prof^ª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Prof^ª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof^ª Dr^ª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Prof^ª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Prof^ª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Prof^ª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof^ª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof^ª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Linguística, letras e artes: culturas e identidades 2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Fernanda Tonelli
Lilian de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: culturas e identidades 2 /
Organizadoras Fernanda Tonelli, Lilian de Souza. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-948-6

DOI 10.22533/at.ed.486210104

1. Linguística. 2. Arte. 3. Literatura. 4. Educação. I.
Tonelli, Fernanda (Organizadora). II. Souza, Lilian de
(Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Este *e-book* apresenta algumas contribuições da Linguística para o estudo das identidades, saberes e práticas sociais permeados pela linguagem.

Os temas e análises propostos pelos autores dos capítulos que seguem demonstram a pertinência dos estudos linguísticos para a análise da sociedade, em especial no que diz respeito às questões educacionais, identitárias e culturais. Assim, esta obra concentra vinte e dois textos de docentes, estudantes e pesquisadoras e pesquisadores de graduação e pós-graduação de diversos lugares do Brasil, o que nos oferece um olhar multifacetado para questões da linguagem na contemporaneidade.

Mais do que refletir sobre, as discussões propostas nestes trabalhos nos oferecem subsídios para **agir** e **transformar** nosso entorno, com temáticas envolvendo estudos de letramento, ensino/aprendizagem de línguas, aquisição da linguagem, interculturalidade, gamificação, análise discursiva, léxico-semântica e uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), cada vez mais presentes no âmbito educacional. Estas reflexões são empreendidas por meio da análise de gêneros textuais produzidos e circulantes na sociedade (como o comentário de Facebook, histórias em quadrinhos, texto literário, manchete de jornal, propaganda, série jornalística e parábola bíblica), além de práticas sociais que vão desde cinema e literatura a projetos educativos e manifestações culturais, entre outras.

Como resultado, esta obra apresenta importantes contribuições sobre temas contemporâneos e o convite à reflexão, por exemplo, sobre a situação dos idosos e sua inclusão no âmbito educacional, a violência doméstica por vezes não revelada, o auxílio religioso e espiritual no tratamento da adicção, a subjetividade presente nas mídias sociais, a construção de sentido por sujeitos deficientes visuais e as potencialidades do letramento quer na educação. Um compêndio de artigos multifacetados sobre situações cotidianas mediadas pela linguagem que, por vezes, nos passam despercebidas dentro da “normalidade”; ao buscar direcionar nosso olhar para novos lugares, essas leituras nos sensibilizam, fazendo-nos lembrar da nossa capacidade de sermos humanos.

Nosso agradecimento, portanto, à Atena Editora, por propor a publicação desta obra e às/aos colegas que se dispuseram a contribuir com seus manuscritos. Neste momento de isolamento social, é essencial que busquemos formas de nos mantermos conectados uns aos outros a fim de estabelecermos diálogos profícuos entre nossos pares. Assim, esta coletânea de textos se propõe ser uma ponte entre autores e seus leitores, viabilizando caminhos para trocas de saberes e práticas.

Boa leitura!

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza

SUMÁRIO

ENSINO DE LÍNGUAS E LETRAMENTO

CAPÍTULO 1	1
DO CARNAVAL AO <i>DÍA DE MUERTOS</i> : ROMPENDO ESTEREÓTIPOS RUMO À INTERCULTURALIDADE CRÍTICA NO ENSINO DE LÍNGUAS	
Lilian de Souza Fernanda Tonelli	
DOI 10.22533/at.ed.4862101041	
CAPÍTULO 2	12
PARA ALÉM DOS BONS JOGOS: A COMPETÊNCIA COMUNICATIVA EM ATIVIDADES GAMIFICADAS PARA APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS	
Maria Eduarda Motta dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4862101042	
CAPÍTULO 3	29
OS DESVIOS ORTOGRÁFICOS NO ENSINO FUNDAMENTAL II: DESCRIÇÃO, ANÁLISE E ATITUDES LINGUÍSTICAS	
José Jaime Martins dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4862101043	
CAPÍTULO 4	36
QUADRINHOS, LETRAMENTO E TECNOLOGIA: UMA PROPOSTA	
Marcelo Magalhães Foohs Eduardo Elisalde Toledo Guilherme dos Santos Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.4862101044	
CAPÍTULO 5	50
LETRAMENTO QUEER NA SALA DE AULA DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: AS POTENCIALIDADES DO CINEMA QUEER	
Antón Castro Míguez	
DOI 10.22533/at.ed.4862101045	
CAPÍTULO 6	70
INCLUSÃO DIGITAL E NOVOS LETRAMENTOS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Jailma de Sousa Pimentel Ilza Léia Ramos Arouche	
DOI 10.22533/at.ed.4862101046	
CAPÍTULO 7	84
O GÊNERO COMENTÁRIO DE FACEBOOK A FAVOR DO ENSINO DA ARGUMENTAÇÃO	
Thalyne Keila Menezes da Costa Williany Miranda da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4862101047	

ESTUDOS DO DISCURSO

CAPÍTULO 8..... 98

REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE LINGUAGEM E PODER NAS OBRAS DE BAKHTIN E FOUCAULT

Simone dos Santos França

DOI 10.22533/at.ed.4862101048

CAPÍTULO 9..... 109

DECISÃO JUDICIAL: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA-DISCURSIVA DE UM CASO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO RIO DE JANEIRO

Micheli Rosa

Marieli Rosa

Claudia Maris Tullio

Cindy Mery Gavioli-Prestes

DOI 10.22533/at.ed.4862101049

CAPÍTULO 10..... 120

A FORMAÇÃO DO SUJEITO-LEITOR NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: LEITURA DOS SENTIDOS ÉTNICO-RACIAIS EM O *AUTO DA COMPADECIDA*

Meilene Carvalho Pereira Pontes

Juarez Nogueira Lins

DOI 10.22533/at.ed.48621010410

CAPÍTULO 11..... 132

“A BELA DA FERA”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE A POSIÇÃO-SUJEITO DA PRIMEIRA-DAMA MICHELE BOLSONARO A PARTIR DE UMA MANCHETE DA FOLHA DE SÃO PAULO

Leila Silvana Pontes

DOI 10.22533/at.ed.48621010411

CAPÍTULO 12..... 142

SUBJETIVIDADE DO CORPO NAS MÍDIAS SOCIAIS: PROPAGANDAS DE CERVEJA

Jéssica Roberta Araújo Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.48621010412

CAPÍTULO 13..... 154

AS ESCOLHAS DE “QUEM SENTE” QUE NASCEU NO CORPO ERRADO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA SÉRIE “QUEM SOU EU?”

Gabriel Marchetto

Jaqueline Angelo dos Santos Denardin

DOI 10.22533/at.ed.48621010413

CAPÍTULO 14..... 163

A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NAS REPRESENTAÇÕES DO SUJEITO DO CAMPO EM CHICO BENTO MOÇO: UMA ABORDAGEM DISCURSIVA

Illa Pires de Azevedo

ESTUDOS LINGUÍSTICOS E IDENTITÁRIOS

CAPÍTULO 15..... 175

O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA À LUZ DOS FLUXOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS E DA *LANGUACULTURE*

Evandro Rosa de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.48621010415

CAPÍTULO 16..... 193

REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DO/SOBRE O SUJEITO IDOSO: CIDADANIA E INCLUSÃO EDUCACIONAL

Silvane Aparecida de Freitas

Celso Ricardo Ribeiro de Aguiar

DOI 10.22533/at.ed.48621010416

CAPÍTULO 17..... 205

A RELAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NO TRATAMENTO DA ADICÇÃO

Ana Luiza Martins Damasceno

Camila Thaynara dos Santos

Luara Cristina Custódio

Simone Rodrigues Alves de Melo

Thayná Caroline de Lima Branco

Yasmin Katheline Mendonça

DOI 10.22533/at.ed.48621010417

CAPÍTULO 18..... 215

AS MULTIFACES DO ARTICULADOR TEXTUAL “E”: MATIZES DE SENTIDO NAS PARÁBOLAS BÍBLICAS

Antonio Vianez da Costa

DOI 10.22533/at.ed.48621010418

CAPÍTULO 19..... 228

ESTUDO COMPARATIVO DA VARIAÇÃO LÉXICO-SEMÂNTICA DE VINTE SUBSTANTIVOS COMUNS REGISTRADOS EM DICIONÁRIOS BRASILEIRO E PORTUGUÊS: O CASO DO DICIONÁRIO HOUBAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA (2009) E DO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA (2012)

Ivonete da Silva Santos

DOI 10.22533/at.ed.48621010419

CAPÍTULO 20..... 242

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: UM ESTUDO DAS DIVERSAS ABORDAGENS DO DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO DA CRIANÇA

Rodrigo Augusto Kovalski

Emanuéli N6s

DOI 10.22533/at.ed.48621010420

CAPÍTULO 21	260
METÁFORAS E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NA DEFICÊNCIA VISUAL Girlane Maria Ferreira Florindo DOI 10.22533/at.ed.48621010421	
CAPÍTULO 22	271
¿QUÉ ES ESO DE SESEO Y CECEO? UN RECORRIDO BIBLIOGRÁFICO Priscila Porchat de Assis Murolo DOI 10.22533/at.ed.48621010422	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	281
ÍNDICE REMISSIVO	282

A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NAS REPRESENTAÇÕES DO SUJEITO DO CAMPO EM CHICO BENTO MOÇO: UMA ABORDAGEM DISCURSIVA

Data de aceite: 01/04/2021

Illa Pires de Azevedo

<http://lattes.cnpq.br/7796551683645549>

Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez

<http://lattes.cnpq.br/9925221970183712>

RESUMO: O artigo objetiva discutir os modos de discursivização do personagem Chico Bento moço, da Turma da Mônica. Para tanto, utiliza-se como aporte teórico elementos da Análise de discurso de linha pecheutiana, a fim de observar e analisar as caracterizações deste personagem, feitas a partir do material selecionado para a análise de dados. Como resultado, percebe-se que as formas de discursivização do homem do campo reproduzem estereótipos que indicam um estranhamento, e uma diferenciação entre homem do campo e homem urbano, opondo características identitárias a estes dois grupos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso, homem do campo, subjetividades.

THE CONSTRUCTION OF SUBJECTIVITY IN CHICO BENTO MOÇO: A DISCURSIVE APPROACH

ABSTRACT: This paper aims to discuss the discursivization of Chico Bento moço, from Turma da Mônica, a comic book character. For this, it is used the french Discourse Analysis, in order to observe and analyze the characterizations of this character, made from the material selected

for the data analysis. As a result, it is possible to conclude that the discursivization of the rural man reproduce stereotypes that indicate a strangeness, and a differentiation between rural man and urban man, opposing identity characteristics to these two social groups.

KEYWORDS: Discourse, subjectivity, identity.

Fatos vivos reclamam sentidos e os sujeitos se movem entre o real da língua e o da história, entre o acaso e a necessidade, o jogo e a regra, produzindo gestos de interpretação. (Eni Orlandi)

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Uma das estratégias comuns em livros didáticos é a utilização do personagem Chico Bento, para tratar do assunto variação linguística, todavia, vale pontuar que as revistas do Chico Bento não são representações fiéis das variedades linguísticas que eles supostamente veiculam. (BAGNO, 2007). Além disso, essa estratégia desconsidera a compreensão dos sentidos gerados pelo discurso sobre o homem do campo nas referidas materialidades. Ressalta-se ainda que algumas histórias do Chico Bento costumam retratar de forma unívoca um tipo de sujeito que reside no campo, de maneira a colaborar para uma visão estereotipada sobre o que é ser morador do campo, homogeneizando identidades e representações subjetivas.

Neste artigo, traçamos como objetivo

principal observar, a partir do arcabouço teórico-metodológico da Análise de discurso de vertente pecheutiana, como são construídos os sentidos sobre o homem do campo, buscando verificar quais os efeitos de sentido que um dado funcionamento linguístico pode produzir em determinadas condições de produção. Vale salientar que utilizamos a noção de recorte, que segundo Orlandi (2011, p. 139-140) “é uma unidade discursiva: fragmento correlacionado de linguagem - e - situação”, isto é, fragmentos da situação discursiva, os quais se relacionam com noção de polissemia e não de informação.

A revista *Chico Bento Moço*, materialidade que utilizamos neste trabalho, foi lançada em 2013 pela Editora Panini e objetiva contar as aventuras do personagem Chico Bento e sua turma na versão jovem. O protagonista deixa, aos 18 anos, a Vila Aboborinha, zona rural, para estudar em Nova Esperança, onde fará o curso de Agronomia e, com isso, passa a residir em uma república de estudantes. Os personagens ganharam novas características e, no caso de Chico Bento, as mudanças físicas e linguísticas, isto é, o modo de falar, são bastante notórias. Na primeira edição, apresentam-se os rumos de cada personagem e a despedida de Chico Bento da roça.

Utilizamos para a reflexão acerca destas questões alguns fragmentos de linguagem, os quais, segundo Indursky (2011, p. 329-330) indicam que: “O que está em jogo nesse campo é a *representatividade* discursiva da marca a ser analisada. Não se trata de quantificar dados, mas de verificar como a repetição e/ou suas rupturas fazem discurso e, por esse viés, de que modo os sujeitos se constituem e significam.”. (grifo da autora).

Indursky (2012, p. 330) pontua ainda que no campo discursivo: “não se trabalha com a linearidade de um texto. São certas *marcas linguísticas* que, pelos efeitos de sentido que produzem, se transformam em pistas que o analista segue em busca das propriedades discursivas do discurso para o qual elas remetem”. (grifos da autora). Desse modo, não são as marcas formais que interessam ao analista de discurso, mas a maneira como elas aparecem no texto (ORLANDI, 2012a).

A palavra *caipira*, neste caso, não nos interessa morfológicamente, mas sim discursivamente, isto é, pretendemos observar a forma como esta palavra significa, o que resulta em processo polissêmico, indicando posicionamentos de sujeitos em relação à ideologia. Nessa situação de linguagem, interessa-nos, então, observar de que forma o sentido de caipira se constitui nas ocorrências que analisaremos mais adiante. Levaremos em conta o fato de os sujeitos estarem ligados a formações discursivas diferentes, logo, vinculados a ideologias distintas no processo discursivo, o que pode gerar sentidos diversos sobre a construção discursiva do homem do campo.

Nessa perspectiva, concordando com Orlandi (2011), acreditamos que não significam apenas as palavras e as construções, o estilo, o tom. O lugar social da produção do texto, sua forma de distribuição, o valor das revistas como parte do mecanismo da indústria cultural, tudo isso significa. Para além de revistas em quadrinhos ou mangás, está o texto dotado de sentidos e, no caso da indústria cultural, mais do que informações ou

entretenimento, está o nivelamento de opinião, a ideologia da moda ou do sucesso. Afinal, como assevera a autora supracitada:

Todo falante e todo ouvinte ocupa um lugar na sociedade, e isso faz parte da significação. Os mecanismos de qualquer formação social têm regras de projeção que estabelecem a relação entre as situações concretas e as representações (posições) dessas situações no interior do discurso: são as formações imaginárias. O lugar assim compreendido, enquanto espaço de representações sociais, é constitutivo das significações. Tecnicamente, é o que se chama de lugar de forças no discurso. (ORLANDI, 2012c, p.22).

2 | ANÁLISE MATERILISTA DO DISCURSO: BREVES CONSIDERAÇÕES

Historicamente, a Análise do Discurso de Linha Francesa de base pecheutiana (doravante AD) constituiu-se como campo disciplinar em meados da década de 60 do século XX, na França, e tem como seu fundador o filósofo Michel Pêcheux. O objetivo de Pêcheux foi propor uma transformação da prática nas ciências sociais, de maneira a torná-la uma prática verdadeiramente científica. Para isso, seria necessário fornecer a essas ciências um instrumento apropriado, daí o seu objetivo inicial de desenvolver uma análise automática do discurso (HENRY, 2010). Michel Pêcheux instaura, dessa forma, nos estudos da linguagem, a possibilidade de associar o linguístico ao sóciohistórico: língua e ideologia. Segundo Orlandi (2012b, p. 14)

[...] a importância de Pêcheux está justamente em perceber que para pensar a ideologia era preciso colocar em jogo a linguagem. Daí suas aproximações dos linguistas, daí a formulação de um novo objeto nas ciências da linguagem e, em consequência, pelo seu modo de formulação, nas ciências humanas: o discurso, pensado junto à ideologia.

Epistemologicamente, a análise do discurso proposta por Michel Pêcheux emerge da articulação de três áreas do conhecimento científico: o materialismo histórico, a Linguística e a teoria do discurso. Pêcheux e Fuchs (2010, p. 160) justificam-nas da seguinte maneira:

1. O materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Vale ressaltar que, segundo os autores supracitados, essas três regiões do conhecimento são, de certa maneira, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade, isto é, de natureza psicanalítica. Sendo assim, é basicamente desse raciocínio de que se vale Orlandi (2012a) para afirmar que a AD se constitui pela relação

entre três domínios disciplinares: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise.

Então, pode-se dizer que a AD, em seu quadro epistemológico geral, ao considerar o materialismo histórico como teoria das formações e transformações sociais, entende que é na história e pela história que podemos observar as condições de produção do discurso e, portanto, o momento em que o linguístico e o ideológico se encontram.

Nesse aspecto, pode-se considerar que a Linguística tradicional tem sua importância pelo fato de que são os elementos linguísticos que materializam o discurso, isto é, que fazem parte do processo de produção dos efeitos de sentidos. Para além dos estudos saussurianos, Michel Pêcheux compartilha da ideia da não transparência da linguagem, mas também considera a língua como dotada de uma autonomia relativa, uma vez que ela é afetada pela história, tendo como ponto de partida a ideia de que a língua é o *locus* no qual se materializa a ideologia. E embora cada um dos autores em discussão disponha de suas especificidades, ambos (Pêcheux e Saussure) corroboram com o fato de que não há uma relação direta entre linguagem e realidade. Assim, a teoria do discurso interessa-se pelo sujeito, constituído na relação com o simbólico, na história, analisando, ainda, como os sentidos decorrem dos fenômenos históricos e por tudo isso amplia, significativamente, o que transpõe toda a materialidade dos discursos enunciados.

Na perspectiva da AD, importa analisar, a partir da relação intrínseca entre a história e a língua, como os sentidos são produzidos dentro da sociedade e da história. Constitui-se, dessa maneira, o trabalho pela contradição das três áreas supracitadas e não pela soma delas, vale pontuar. Consideremos, então, que a análise do discurso pecheutiana, como afirma Orlandi (2012a, p. 20):

[...] trabalhando na confluência desses campos do conhecimento, irrompe em suas fronteiras e produz um novo recorte de disciplinas, constituindo um novo objeto que vai afetar essas formas de conhecimento em seu conjunto: este novo objeto é o discurso.

Como versa o próprio nome, o objeto de estudo da AD é o discurso. Não é a língua, nem o texto, nem a fala, embora a AD necessite desses elementos linguísticos para existir materialmente. Na análise de discurso fundada por Michel Pêcheux, a concepção de discurso acarreta toda uma declinação teórica do que se entende por sujeito, sentido, memória, história, sociedade, língua, ideologia, dentre outras (ORLANDI, 2012b). A noção de discurso está, pois, ligada à noção de sentido e para falar em discurso devem ser considerados, ainda, os elementos que existem no social, as ideologias e a História, isso por que:

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe "em si mesmo" [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (PÊCHEUX, 2009, p. 146).

Então, se a ideologia determina os discursos que são reproduzidos, entendemos que os sentidos não são fixos, prontos e acabados, bem como não são construídos de forma ingênua e aleatória, sendo, sempre, ideologicamente construídos. É delicado precisar, portanto, qual o sentido de determinado texto ou mesmo o que alguém quis dizer. A AD, portanto, não corrobora com o sentido fixo, dicionarizado, denotativo, imutável, visto que não há um sentido central, apenas margens (ORLANDI, 2012c). O que se concebe como literal é ideológico, há nos enunciados os pontos de deriva: o lugar em que sentido pode ser outro, o efeito metafórico.

Outra noção basilar nos estudos pecheutianos é a de interdiscurso. Segundo Michel Pêcheux (2009, p. 148-149), “toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas [...]”. O interdiscurso, desse modo, resulta do complexo de formações discursivas e, sendo assim, comporta todos os dizeres, todos os sentidos. É, pois, a base do dizível.

Para Orlandi (2012a), interdiscurso e memória discursiva são considerados sinônimos. Courtine, por sua vez, trabalhando com a noção de memória em análise do discurso, estabelece algumas diferenças entre os dois elementos. Indursky (2009), dialogando com este autor, pontua que:

o trabalho de Courtine (1981) que revisita a Arqueologia do Saber de Foucault e retorna para a AD com a noção de memória. Inspirado na reflexão de Foucault a propósito dos enunciados, vai entender “que toda produção discursiva faz circular formulações anteriores, porque ela possui em seu domínio associado outras formulações que ela repete, refuta, transforma, denega... Isto é: em relação às quais esta formulação produz efeitos de memória específicos” (idem, ib., p.52) (INDURSKY, 2009, p. 5).

Segundo Indursky (2009, p. 53), é a partir dessa reflexão que Courtine (1981) introduz a noção de memória discursiva nessa teoria e a formula da seguinte maneira: “a noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas, reguladas pelos aparelhos ideológicos”. A autora ressalta que Courtine questionava-se acerca da maneira como se dava, no âmbito de uma FD, o trabalho de uma memória coletiva e como esta autorizava a lembrança, a repetição, a refutação, assim como o esquecimento destes elementos de saber, que são os enunciados. (INDURSKY, 2009).

Consoante Indursky (2009), a memória funciona como pano de fundo para que se perceba que houve ruptura com os sentidos estabelecidos, cristalizados e que novos sentidos foram produzidos. Articulando de maneira mais explícita: tomemos, por exemplo, as expressões “carioca da gema” e “caipira da gema”. Sem a intervenção da memória social, poder-se-ia dizer que a reescrita da última expressão não fora interpretada como uma retomada da primeira formulação. Trata-se da memória social, que ressoa e trabalha

1 Vale ressaltar que Michel Pêcheux não deixa clara essa relação.

por trás deste deslizamento e faz o primeiro sentido reverberar por trás dos novos sentidos. Desse modo:

[...] constata-se que uma FD é regulada por uma memória discursiva que faz aí ressoar os ecos de uma memória coletiva, social. Por outro lado, nem tudo pode ser dito no interior de uma FD, de modo que a memória discursiva não é plena, não é saturada, pois nem todos os sentidos estão autorizados ideologicamente a ressoar em uma FD. Dessa forma, percebe-se que, assim como a FD é de natureza lacunar, a memória discursiva também o é (INDURSKY, 2009, p. 5).

Com efeito, Indursky (2009), pautando-se nos estudos de Courtine (1981), considera que a memória discursiva e o interdiscurso, apesar de integrarem uma memória coletiva, não devem ser confundidos ou superpostos, visto que a primeira se relaciona com uma FD específica, ao passo que o interdiscurso seria o representante da memória social, referindo-se a todas as formações discursivas e não apenas uma; logo, comporta todos os dizeres.

3 | EM BUSCA DE SENTIDOS...

Em linhas gerais, não podemos pensar o campo ou a cidade sem levar em consideração que ali existem sujeitos e sentidos e que a ideologia está sempre em funcionamento nesta relação, bem como a ideia de que a linguagem é um fato social e é por ela que o sujeito se constitui e planeja sua relação com o grupo. (ORLANDI, 2012b).

Visando a uma melhor compreensão, separamos em recortes os enunciados das duas histórias de *Chico Bento Moço* que serão analisados adiante.

O personagem Chico Bento ao tornar-se jovem, deixa o campo e passa a viver na cidade de Nova Esperança, onde fará o curso de Agronomia. Nas histórias de Chico Bento, não podemos desconsiderar que o campo e a cidade são sempre tomados como ambientes antagônicos, e seus respectivos habitantes como sujeitos altamente diferentes. Sendo assim, o que funciona como pré-construído de ser morador do campo ou da cidade? Ora, os sentidos de “caipira”, atribuídos ao homem do campo não podem significar fora de uma discursividade anterior que lhe dá sentidos bastante peculiares quando tomados em relação ao homem que reside na cidade. Ambos são frutos de construções discursivas por parte de sujeitos que são constituídos pela língua e pelas ideologias, inseridos em um determinado momento histórico. Observemos, pois, o recorte a seguir:

Recorte 1

Jura: Opa! *Falaê, caipira!*

CB: *Já falei para não me chamar assim!*

Jura: [...] *Eu estava agora mesmo explicando para o Chicão... que é melhor ele ficar de boa! Né, Chicão?*

CB: *Meu nome não é Chicão!*

Jura: *Opa, foi mal! Tá certo! Não é Chicão! O certo é caipira! Há, há, há, há...* Jura: [...] *Seja bem-vindo à nossa república, caipira!*

CB: *Meu nome é Chico Bento!*[...]

Jácomo (ao telefone): [...] *E ele é caipira! Caipirão, mesmo!*

CB: *Ara! Outra vez caçoando de mim! Tô cheio dessa história de caipira!*

O termo caipira fora utilizado em vários momentos pelos colegas de Chico Bento, como vocativo ou para caracterizá-lo. Entretanto, ele não aceitava a ideia de ser chamado assim, já que tinha um nome e deveria ser tratado enquanto tal. A palavra *caipira*, originada do tupi - *curupira*, estritamente falando, designa, inicialmente, a população rural do interior de São Paulo e se refere ao universo da cultura rústica desse estado; contudo, o termo não se restringiu apenas à área de influência histórica dos paulistas, refere-se a toda população rural e tradicional do Brasil, identifica um modo de vida e não um tipo racial. Adjetivou-se e é comumente utilizado para caracterizar o estilo de vida ‘isolado e antiquado’ dos habitantes de áreas rurais, em contraponto ao modo de vida urbano. (Cândido, 1964 citado por Bortoni-Ricardo, 2011).

A palavra *caipira* é dicionarizada por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira como: “1. Habitante do campo ou da roça, em geral de pouca instrução e modos canhestros; jeca, matuto, roceiro, sertanejo, caboclo, capiau, tabaréu. 2. Certo jogo de parada.”

Dessa maneira, constrói-se, a partir da narrativa dos personagens, uma imagem acerca do morador do campo, e esse imaginário, por sua vez institui as subjetividades, marcando posições de sujeitos. Os sujeitos na narrativa são colocados em lugares diferentes que marcam suas subjetividades: de um lado os não-caipiras, os jovens da cidade, desenvolvidos, informados, de outro, o caipira, jovem do campo, desinformado, atrasado, matuto. Esse sentido é trazido para caracterizar Chico Bento como um jovem diferente dos outros, sendo esta questão colocada de maneira a revelar as contradições vividas pelo personagem na narrativa em análise. O termo *caipira*, conforme pode ser notado no recorte acima, foi usado diversas vezes para caracterizar Chico Bento, que, ao chegar, não fora chamado por seu nome, recebeu as boas vindas como *caipira*. Não obstante, o termo é utilizado no aumentativo e reforçado com o advérbio *mesmo*, utilizado para enfatizar a mais importante qualidade de Chico Bento: *caipira*, de modo que, na narrativa, antes de ser Chico Bento ele é um homem do campo atrasado.

A escolha da interjeição *Ara!* e do verbo *caçoar*, utilizados por Chico Bento

quando afirma seu descontentamento em ser chamado de caipira, reclama-nos sentidos. Observando-se a construção da frase, verbos como *zombar*, *achincalhar*, *debochar* etc. poderiam ser usados na formulação sem acarretar problema algum. A expressão “*Ara! Outra vez caçoando de mim!*” permitiria a formulação de paráfrases, por meio de enunciados equivalentes:

Poxa/Puxa! Outra vez zombando de mim! / Droga! Outra vez debochando de mim!

Ambos os enunciados coincidem com posições-sujeitos distintas e evidenciam uma posição cuja fala é mais característica do ambiente urbano. Nessas condições, pode-se observar como os modos de produção estão ligados a uma forma social: *Ara!* e *caçoar*, então, funcionam claramente para marcar, outra vez, o discursode homem do campo de Chico Bento.

Além de caipira, outras palavras e expressões foram utilizadas para caracterizar Chico Bento durante sua chegada à cidade: *gente da roça / bicho do mato / o [caipira] maior de todos / muito caipira/ Caipirão / caipira da gema / matuto épico etc.*, conforme se observa no decorrer da revista em quadrinhos. Nesses processos discursivos formaram-se as famílias parafrásticas que indicam um modo de constituição do dizer a partir da reafirmação dos estereótipos que caracterizam o homem do campo.

Expressões como “caipira da gema” e “um legítimo espécime de *matutiscaipirandus*” corroboram com a ideia de que há uma discrepância entre o morador do campo e o da cidade, tomando-os como seres de espécies diferentes, conforme se verifica no enunciado em itálico, que, por sua vez, marca a presença de um discurso transversal: “Venham ver! Venham ver uma curiosidade científica! [...] Vejam! Um legítimo espécime de *matutiscaipirandus!*” (Revista Chico Bento Moço, p.32-33). Neste caso, investido de uma voz atrelada ao conhecimento da ciência, o enunciador se reveste de um tom de autoridade para a partir daí caracterizar pejorativamente o Chico Bento.

Trata-se de um discurso científico derivado de caracterizações de espécies de animais, conforme pode ser observado pela formulação do nome. Ora, sabe-se que, de um modo geral, os diversos ramos das ciências biológicas se comunicam, principalmente, pelo nome científico das espécies estudadas. Trata-se de um código universal para nomear plantas e animais. Há um deslizamento no nome utilizado para caracterizar Chico Bento uma vez que tal caracterização neste caso passa a ser feita de modo a se assemelhar aos nomes usados para se referir a plantas e animais, de cujo nome científico deriva suas características: *matuto* e *caipira*.

“Caipira da gema”, por sua vez, retoma já-ditos como “carioca da gema”, expressão comumente utilizada para designar a pessoa que nasceu e cresceu no Rio de Janeiro. Diz-se, também, que “da gema” se refere a quem nasce em um determinado lugar, assim como seus pais e outros ascendentes familiares. Houve aí um deslizamento de sentido não apenas para afirmar que Chico Bento nasceu e cresceu na zona rural, mas para reafirmar o discurso de alguém oriundo do interior, com pouca instrução.

“Matuto épico”, não apenas matuto, isto é, não apenas aquele que habita na roça, ignorante, dentre outros possíveis significados, mas um matuto épico, vale salientar. Historicamente, o termo épico nos remonta à Literatura: o gênero Épico, os grandes poemas épicos, a exemplo de *Os Lusíadas*, de Camões; enfim, algo histórico e grandioso. Chico Bento, então, seria um caipira memorável, o maior de todos. Tem-se aqui, uma tensão entre paráfrase e polissemia. A repetição do *mesmo*, que permite a possibilidade de um deslizamento de sentido, instaurando o *outro*.

Todas as expressões supracitadas, assim como outras já cristalizadas (como o termo “jeca”), ratificam a construção discursiva estereotipada sobre esse segmento social brasileiro. Há a ação da ideologia que naturaliza a ideia de que existem povos superiores a outros, naturalizando sentidos e indicando que estes não poderiam ser outros. Nesse caso, o superior é o homem da cidade, enquanto o homem do campo é inferiorizado. A partir do que fora dito, percebem-se sujeitos narradores inscritos na formação discursiva que subestima o morador do campo, legitimando assim ideologias de que todo aquele que não vive na cidade é matuto, ignorante, bobo e que povos podem ser superiores ou inferiores devido à sua origem.

O que vemos nesse recorte é o campo sendo confrontado com a cidade no que tange à organização e utilização do tempo. Outra vez a memória discursiva é posta em atividade. O que fora dito por Chico Bento pode ser recuperado no texto bíblico de Eclesiastes, capítulo 3, verso 1-2, oportunidade em que Salomão afirma que há um tempo determinado para todas as coisas debaixo do céu, inclusive para plantar e colher o que plantou. Daí a ideia de que as palavras não são apenas nossas e o que é dito em outro lugar significa nas palavras que tomamos como de nossa propriedade. (ORLANDI, 2012a).

Dessa forma, partindo da premissa de que as palavras significam diferentemente em formações discursivas distintas, a palavra *caipira* nessa sequência torna-se, também, uma pista para que pontuemos isso:

[...] Pelo jeito, caipiras não têm nada de bobos! Aliás, se vai rolar mesmo esse esquema... podemos até revezar! Comida caipira do Chico, italiana do Jácomo [...]. Jura: Rolou até uma admiração pela vida rústica agora! Tá aí! Não achei que tivesse tanto a oferecer! [...](p. 86)

No excerto textual acima, quando o sujeito aí se refere à comida caipira, o termo passa a ter outro efeito de sentido, diferente daquele mencionado inicialmente. Não obstante, dada a heterogeneidade das formações discursivas, que dialogam e convergem entre si, percebemos que o sujeito, epode se identificar, contraidentificar ou se desidentificar com os saberes da FD, ele não é livre para dizer o que quer pois está submetido à língua e à ideologia, mas pode se movimentar se identificando ou questionando os saberes de uma determinada formação discursiva.

Pode-se dizer que, neste percurso, no exemplo colocado anteriormente, alguns sentidos sobre o homem do campo foram silenciados, fazendo com que os sujeitos

enunciadores se identifiquem plenamente com a formação discursiva que considera este homem como matuto ou caipira: não se diz, por exemplo, sobre o agricultor que trabalha no setor primário da economia e fornece subsídios para os demais setores. O não dizer, neste caso, indica sentidos que corroboram com a noção de estranhamento frente ao homem do campo. Outrossim, silenciou-se o fato de que os sujeitos que vivem na zona rural têm acesso à escola (e prova disso é o próprio Chico Bento que ingressou na Universidade através do vestibular), dentre outros.

De um modo geral, quando inserida a relação do caipira com a cidade em uma formação discursiva, temos um sentido; se inserida em outra, observaremos outro sentido ali produzido. E essa prática simbólica toca as práticas sociais de tal modo que, no caso dos quadrinhos de Chico Bento, os personagens que o cercam estranham o fato de que ele tenha algo interessante a oferecer, uma vez que partem do princípio que o morador do campo é destituído de conhecimento, o que está visível no enunciado: “não achei que tivesse tanto a oferecer”. Temos, então, a representação do homem do campo, um segmento social brasileiro, de maneira bem marcada, estereotipada, construída, então, a partir de já-ditos, isto é, de outros discursos já constituídos acerca destes e a voz dos personagens com os quais Chico vai conviver traz tais representações de modo a descortinar as contradições vividas por sujeitos do campo nas suas interações sociais.

Por fim, de acordo com Milanez (2011, p. 294), “As identidades não são dadas. Elas se constroem na relação entre os sujeitos e sua história.”. Chico Bento, enquanto criança, com seus respectivos hábitos campestres, possuía, enquanto sujeito, uma identidade, a de morador do campo. Ao passo que opta por viver na zona urbana, assume novas posições, como a de estudante universitário, e, desse modo, constroem-se novos laços identitários a partir de novas formas de atravessamento desse sujeito pela ideologia que o constitui como homem do campo vivendo na zona urbana, o que mostra que os sujeitos, assim como a identidade, não são os mesmos em diferentes momentos e lugares em que se encontrem.

Desse modo, fica evidente a fragmentação do sujeito, bem como a heterogeneidade constitutiva do discurso. O sujeito discursivo é, assim, plural, marcado por muitas vozes e, por isso, sempre inscrito em formações discursivas e ideológicas distintas.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva da análise de discurso, o texto é concebido como a unidade complexa de significação, consideradas as suas condições de produção, e constituído no processo de interação (ORLANDI, 1996). O texto, unidade de análise, é constituído de vários discursos, não importando o que ele significa, mas como significa. O leitor, por sua vez, sendo um sujeito histórico e ideológico, não é passivo, antes participa do processo de significação do texto: a partir da posição que ocupa no discurso, atribuirá a ele determinando sentido e não outro.

A análise em questão nos permite tecer algumas considerações. As expressões faciais dos personagens atestam efeitos de sentidos que já evidenciam um duelo entre o campo e a cidade, o qual, do ponto de vista discursivo, resulta em formações discursivas opostas e, portanto, posições ideológicas antagônicas. De um modo geral, as imagens e as falas dos personagens com os quais Chico convive nessa nova realidade, discursivizam o homem do campo como alguém com dificuldade de se adaptar à cidade, um ser estranho, desconectado do espaço urbano.

Pode-se dizer que esse homem se torna um objeto de gozação a partir do momento em que a cidade aparece como centro de radiações de cultura. Notam-se, pois, os olhares voltados para Chico Bento – que representa, neste caso, o campo –, bem como as expressões de riso e gozação satirizando aquele que agora passa a integrar o ambiente citadino, já discursivizando um sujeito que doravante precisa se adequar a normas e padrões socialmente estabelecidos na *urbe*.

Observa-se, portanto, que a imagem do sujeito do campo vai sendo construída, dentre outras maneiras, a partir de marcas linguísticas, que se configuram modos de funcionamento da ideologia que rege a representação do “caipira” nas referidas histórias. Assim, os imaginários que se têm acerca do homem que vive no campo não são aleatórios, antes são construções que surgem a partir de processos discursivos anteriores. Percebemos que não se trata apenas de um estranho, mas de alguém *tão estranho*, muito estranho. Temos, então, um efeito metafórico que reifica o morador do campo com o intuito de criar uma identidade específica para pessoas que não vivem na cidade, de maneira que apaga possibilidades de outros comportamentos e contribui para o silenciamento de outras características de quem mora no campo, por vezes, muito semelhantes às de quem mora cidade.

Pode-se dizer, ainda, que foi possível verificar diferentes gestos de interpretação para o termo *caipira*, que apareceu de forma recorrente nas histórias, em referência ao homem do campo – contudo, vale pontuar, na maioria das ocorrências, carregado de sentidos negativos, sobretudo quando enunciado pelos sujeitos moradores da *urbe*, que associa a imagem do homem do campo a determinados estereótipos sociais. Tal fato pode ser notado, também, na fala e nas vestes de Chico Bento, que sempre utilizava chapéu, marcando seu segmento social.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 11ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CAIPIRA. In: **Mini Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Courtine, Jean-Jacques. 1981. **Analyse du discours politique**. *Langages* 62. p. 9-128.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux. (1969). In: GADET, Françoise; Hak, Tony. (org). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

INDURSKY, Freda. **Memória, interdiscurso: limites e contrastes**. (Texto xerocopiado apresentado no IV Seminário de Pesquisa em Análise de Discurso, evento realizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista, junho de 2009).

INDURSKY, Freda. Discurso, língua e ensino; especificidades e interfaces. In: TFOUNI, Leda Verdiani; MONTE-SERRAT, Dionéia Motta; CHIARETTI, Paula (org.). **A análise do discurso e suas interfaces**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

MILANEZ, Nilton. O nó discursivo entre corpo e imagem: intericonicidade, brasilidade. In: TFOUNI, Leda Verdiani; MONTE-SERRAT, Dionéia Motta; CHIARETTI, Paula (org.). **A análise do discurso e suas interfaces**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 6ª ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 10ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. 2ª ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2012b.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. 9ª ed, São Paulo: Cortez, 2012c.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, C. A propósito de uma análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; Hak, Tony. (org). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

SOUSA, Maurício de. **Chico Bento Moço: confusões na cidade grande**. / Vida na república, nº 2/ Setembro de 2013. ISBN 978-85-4260-062-9.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adição 205, 207, 209, 211

Análise de discurso crítica 109, 110, 111, 118

Aquisição da linguagem 242, 243, 244, 245, 246, 247, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 257, 258, 259, 261

Articulador textual 215, 221, 225

Autoria 36, 42, 43, 44, 45, 47, 90, 266

C

Carnaval 1, 2, 7, 8, 9, 10

Cidadania 11, 60, 71, 82, 88, 193, 194, 198, 199, 200, 201, 202, 203

Cinema *queer* 50, 52, 57, 58, 59, 60, 67

Competência comunicativa 12, 13, 16, 27, 60

Crenças 4, 32, 43, 44, 94, 109, 176, 179, 186, 190, 203, 206, 207, 209, 210, 211, 230

Criança 61, 63, 157, 158, 159, 172, 197, 230, 237, 238, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 250, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258

D

Deficiência visual 260, 263, 264, 265, 266, 268, 269

Desvios 29, 31, 32, 33, 34, 257

Día de muertos 1, 2, 4, 5, 6, 7

Discurso 14, 65, 96, 99, 101, 102, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 115, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 145, 149, 150, 152, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 170, 172, 174, 178, 179, 182, 188, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 203, 204, 216, 223, 228, 229, 233, 253, 257, 270, 271

E

Educação linguística 50

Ensino de línguas 1, 2, 3, 4, 10, 18, 50, 59, 67, 82, 95, 179, 180, 181, 182, 183, 191, 192, 281

Espiritualidade 205, 206, 207, 208, 210, 211, 213, 214

F

Funcionalismo linguístico 215, 216, 217, 225

G

Gamificação 12, 13, 14, 17, 28, 40

Gênero comentário 84, 86, 88, 89, 91, 92, 93, 95

H

Histórias em quadrinhos 23, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 48

I

Identidade 1, 2, 4, 6, 8, 15, 21, 22, 25, 26, 50, 58, 61, 63, 66, 68, 75, 77, 101, 118, 137, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 172, 173, 183, 184, 186, 190, 198, 203, 204, 208, 230, 237, 242, 243, 257

Idoso 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203

Inclusão 40, 60, 70, 72, 77, 79, 80, 81, 88, 101, 193, 194, 199, 200, 202, 204, 243, 257

Inclusão digital 70, 72, 77, 79, 80, 81

Interculturalidade 1, 2, 3, 6, 7, 10, 175, 177, 180, 181, 185, 186, 187, 191, 281

J

Jogos 12, 13, 14, 15, 17, 21, 25, 26, 27, 28, 40, 41, 188

L

Lei Maria da Penha 109, 117, 118, 119

Leitura 2, 9, 30, 37, 42, 45, 48, 50, 52, 58, 61, 63, 65, 66, 71, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 120, 121, 122, 125, 128, 129, 130, 174, 176, 202, 203

Letramento *queer* 50

Letras 40, 50, 74, 81, 96, 100, 119, 144, 175, 186, 203, 270, 278, 281

Léxico 117, 118, 228, 229, 230, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 247, 255

Língua inglesa 11, 12, 19, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 175, 176, 177, 179, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 190, 191

Língua portuguesa 11, 29, 32, 33, 84, 85, 86, 109, 119, 123, 129, 131, 142, 174, 216, 226, 228, 229, 233, 237, 238, 239, 240, 241, 259, 281

Linguística aplicada 2, 11, 50, 51, 52, 59, 67, 68, 74, 81, 86, 96

M

Metáfora conceptual 260, 262

Michel Foucault 98, 99, 142, 143, 148, 153

Mídias sociais 142, 148, 150

Mikhail Bakhtin 98

Mulher 55, 56, 57, 61, 62, 64, 65, 66, 109, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 126, 132,

133, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 148, 149, 150, 151, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 240

Multiletramentos 70, 71, 81

P

Percepções 7, 73, 75, 179, 187, 249, 260, 266, 268

Poder 3, 16, 30, 32, 33, 35, 51, 54, 58, 60, 66, 67, 72, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 111, 115, 117, 118, 133, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 156, 157, 159, 167, 179, 184, 185, 186, 188, 190, 197, 226, 259, 265

Política 44, 57, 58, 65, 132, 140, 147, 178, 185, 199, 236

Programação 36, 40, 41, 47, 48

R

Religião 5, 66, 180, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214

Religiosidade 132, 139, 140, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 213, 214

S

SCRATCH 36, 37, 40, 41, 46, 47, 48

Semântica 2, 140, 162, 183, 215, 216, 217, 218, 219, 221, 225, 228, 229, 230, 233, 234, 235, 238, 239, 240, 241, 256

Sentidos étnico-raciais 120, 122, 129, 130

Sociolinguística 29, 31, 33, 34, 35

T

Texto literário 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129

TICs 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81

Transexualidade 154, 155, 157, 158, 159, 161

V

Varição semântica 228, 235

Variedades do português 228, 233

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

**Atena**
Editora

Ano 2021

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021